

Entrevista a Vera Alagoa: uma vida dedicada à Agricultura

Vera Alagoa, agricultora familiar, perde a conta às horas que, com o marido e um funcionário, dedica ao amanho das terras de Santarém. A convicção da importância de produzir bons e são alimentos para a mesa de todos nós não a faz vergar perante as dificuldades de manter a actividade e o rendimento justo para quem vive do seu trabalho. Vera é dirigente da Associação Portuguesa de Produtores de Tomate e da Confederação Nacional da Agricultura.



1. Como caracteriza a sua exploração agrícola?

Vivo nas Fontaínhas (Santarém), no entanto as terras que trabalho ficam em Caneiras, no Vale de Santarém. Produzo tomate para indústria, milho e trigo para assim conseguir ter produção o ano inteiro (e rendimento), sendo que a mão-de-obra de que disponho é a minha, do meu marido e de um funcionário.

2. Desde quando se dedica à actividade?

Desde a barriga da minha mãe... Os meus pais já eram Agricultores e eu fiquei com o gosto. Ia para a escola, mas não deixava de ajudar no campo. Fiz o 12.^o ano e ingressei no ensino superior, na área da saúde, mas não terminei... Hoje sei bem que devia ter ido para a área agrícola que é o que eu gosto, e o conhecimento prático está cá todo mas aprender mais seria muito bom.

Mas a título individual dedico-me desde 2003, quase há 20 anos.

3. Qual é o seu vínculo com a terra: é sua propriedade ou arrenda para cada campanha?

Trabalhamos aproximadamente 170 hectares. As terras não são todas minhas, por isso todos os anos arrendo terras para as trabalhar. A área é grande, mas é a única forma de tirarmos um rendimento que nos permita viver, obriga-nos a aumentar a produção porque o preço que é pago pelo produto é muito baixo.

Assim, de Fevereiro/Março até Outubro não sei o que é um fim-de-semana, um feriado... Às vezes nem sei mesmo em que dia da semana é que estamos. É um trabalho contínuo e duro. Somos seis mãos para 170 ha que, mesmo com a ajuda das máquinas, é muito árduo.

4. Como estão os preços à produção?

Muito em baixa. Como eu disse produzo tomate para indústria e pagam-nos muito pouco pelo produto. Actualmente pagam cerca de 80€/tonelada, mas o que seria justo para pagar o nosso trabalho eram os 100€/tonelada.

É certo que recebemos as ajudas da PAC, como é exemplo o pagamento ligado à produção do tomate para indústria, mas eu não as quero para nada. Eu queria mesmo é que me pagassem o valor justo pelo que produzo. Mas se

assim nos obrigam, se assim são as regras, as ajudas da PAC ainda nos permitem continuar a trabalhar. Para se ter uma ideia dos impactos dos baixos preços à produção, que levam à insustentabilidade das explorações agrícolas, só aqui à volta, em 7 ou 8 anos, de 8 explorações agrícolas só resto eu, mas não sabemos até quando.

Mas a solução também passa por nós. Se nós agricultores, mas todos, disséssemos que não vendíamos a menos de certo valor, isto é, definíssemos um preço mínimo à produção, isto já não acontecia. E com valores inferiores já não vendíamos a produ-

“Eu faço a gestão da minha exploração, sou uma mulher de garra e tenho muito orgulho nisso.”

ção. Se calhar ainda seríamos mais alguns em actividade.

5. O acesso à água é um factor fundamental na produção agrícola. Como têm resolvido a questão?

Aqui nesta região todas as explorações abastecem-se com furos de água, devidamente legalizados.

6. Os fenómenos do clima extremos, as doenças e as pragas são cada vez mais frequentes na Agricultura, como vê esta situação na sua produção?

Todos os anos faço seguro de colheita. É muito caro, mas nem questiono não o ter. Não imagino o que seria perder o trabalho de um ano inteiro por causa de mau tempo. Felizmente nunca tive de activá-lo. É assim que se querem os seguros, tê-los, mas nunca precisar deles.

7. Pertence a alguma Organização de Produtores?

Sim, e é uma forma de conseguir escoamento garantido para a produção.

8. Não podemos deixar de mencionar nesta entrevista o dia da Mulher (celebrado a 8 de Março) destacando o papel das mulheres no sector. Como Mulher Agricultora como olha esta realidade?

O sector agrícola sempre foi considerado muito masculino. Especialmente há uns anos atrás. Mas sinto evoluções, já é mais bem vista uma mulher no sector, temos vivido evoluções positivas neste sentido.

Mas continuamos a ser muito poucas.

Eu faço a gestão da minha exploração, sou uma mulher de garra e tenho muito orgulho nisso.

Sobre os seguros agrícolas...

Decorreu a quarta alteração ao Regulamento do Seguro de Colheitas e da Compensação de Sinistralidade, pela publicação da Portaria n.º 59/2021 de 16 de Março. De notar os seguintes pontos:

- 70% do prémio, para contratos de seguro celebrados por entidades que **detenham título de reconhecimento do Estatuto da Agricultura Familiar** (alínea a) do n.º 1 do artigo n.º 10);
- Perdas ou danos superiores a 20% da produção anual média da cultura na parcela ou subparcela ou conjunto de parcelas ou subparcelas, dá direito à activação do seguro.

Não obstante a importância dos avanços, a CNA, tendo em consideração a necessidade de assegurar as culturas numa altura em que os fenómenos climáticos e as incidências de pragas e doenças acrescem, reafirma que os prémios dos seguros agrícolas devem ter uma participação maior para os Agricultores familiares e que a criação de uma seguradora pública é uma salvaguarda necessária.

Co-financiado por:



PDR2020 - 2.1.4 - FEADER - 044980